

O céu e a terra são testemunhas

Cecília Bernardes de Ouro Fala

O céu e a terra são testemunhas

LETRAPITAL

Copyright © Cecília Bernardes de Ouro Fala, 2023

*Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os meios
empregados, sem a autorização prévia e expressa do autor.*

EDITOR João Baptista Pinto
REVISÃO Jenyfer Bonfim
PROJETO GRÁFICO Jenyfer Bonfim
IMAGEM DE CAPA Alexandre Perini Gama
Vista panorâmica de Condado – Alagoa, MG

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S579c

Silva, Cecília, 1938-

O céu e a terra são testemunhas / Cecília Silva. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Letra Capital, 2023.
498 p. ; 15,5x23 cm.

ISBN 978-85-7785-867-5

1. Silva, Cecília, 1938-. 2. Mulheres - Brasil - Biografia. 3. Autobiografia. I. Título.

23-84588

CDD: 920.72

CDU: 929-055.2

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

LETRA CAPITAL EDITORA
Tels.: (21) 3553-2236 / 2215-3781
vendas@letracapital.com.br
www.letracapital.com.br

À minha avó,
Mariana Bernardes de Souza.

Ao meu pai, meu primeiro mestre,
Sebastião Dias da Silva.

ADVERTÊNCIA

Na hipótese de o eventual leitor identificar-se nestas páginas, pode não se dever a mera coincidência, isso por tratar-se de um confesso testemunho de ternura, saudades, idealismo, lágrimas, perdão e entrega à vicissitude do existir.

Algumas denominações atribuídas a localidades e personagens não foram em consonância com a realidade, visando-se ao propósito de assegurar a paz aos que em nada podem responder pelas tempestades ou pelas bonanças que defrontei em cumprimento do meu destino.

A AUTORA

RECONHECIMENTO

Este livro foi concretizado graças as pessoas aqui citadas, às quais quero expressar meus sinceros agradecimentos: minha avó e minha madrinha, que me preservaram a vida e semearam a bondade em meu coração, que nem a seca ou a tempestade mais forte destruíram; meu pai, meu mestre, que me ensinou o beabá e a filosofia que eu precisava para viver; às diversas pessoas em Nova York, que tiveram o interesse e paciência de ouvir as passagens da minha vida e pediram tanto para que eu escrevesse um livro, especialmente Dona Gilda, mãe de uma amiga, por deixar em meu lar a luz que me iluminou a pegar papel e caneta dar início ao mesmo; sua Cristina, minha devotada amiga, pelas horas incontáveis de ajuda a digitação.

Obrigada ao seu esposo e filho, por compartilharem comigo esse tão precioso tempo.

Amor e paz no coração de todos que percorrem estas linhas.

PRÓLOGO

Na cafeteria de um hotel em Viena, três jovens estão sentadas em uma mesa tomando café da manhã, com a bagagem ao lado, prontas para seguirem no mundo de aventuras.

São apenas 7h30 da manhã, mas as turistas estão correndo para aproveitar o curtíssimo tempo que passam nesta aristocrática, romântica e musical cidade.

Em direção a outra mesa, uma senhora vestindo saia e blusa cigana, comprados em Budapeste dois dias antes, vem sentar-se de costas para elas.

– Esta senhora parece brasileira – disse uma das moças.

– É mesmo – responde outra e continuam conversando.

– Parece que eu estou ouvindo falar português? – pergunta a senhora, virando para trás.

– Ah, sim, nós somos brasileiras. Que engraçado, eu acabei de dizer a minha amiga que a senhora parece brasileira!

– Meu nome é Cecília, sou de Minas Gerais, mas moro há muito tempo em Nova York.

– E o que está fazendo aqui em Viena? – perguntou a mesma moça.

– Ah, eu adoro Viena e sempre que posso, venho aqui para descansar e desfrutar um pouco de artes e música.

– Realmente, eu gostaria de passar mais dias aqui, mas nós temos um roteiro grande. Estamos indo agora para Salzburg. De lá para a Suíça e terminar em Portugal – disse a mesma que devia ser a relatora do grupo.

– Eu vou depois de amanhã para Innsbruck e depois vou passar dois dias em Salzburg também. Já estive lá, mas como todo lugar da Áustria, para mim não foi o suficiente, tenho que voltar. Aqui em Viena eu sempre fico neste hotel. É simples, mas muito limpo, e o pessoal é muito atencioso e já me conhecem. E vocês? Já foram aos Estados Unidos?

– Eu vou sempre lá e fico na casa de uns amigos conhecidos de nossa família em São Paulo. Aliás, vou dar o telefone da Fabiana para você. Dá uma

ligadinha para ela e diz que você esteve com Maria Carolina em Viena, e que enviei um abraço. Ela mora no Queens, na Rua Setenta e Três, em Jackson Heights.

– Eu moro em Queens também, na Rua Quarenta e Seis, esquina da Queens Boulevard. É pertinho.

E a conversa teve que ser encerrada, pois o tempo correu e as mocinhas tinham que partir.

– Adeusinho! Prazer em conhecer.

– Aproveite bem, façam uma boa viagem! Quando regressarem, levem o meu abraço cheio de saudades ao Brasil inteiro.

– Está bem, tchau!

Terminei meu café bem devagar, pois em Viena não sou a mesma, diferente daquela de outros turismos, em diversos lugares. Vinha sozinha, e na minha imaginação, sou uma princesa vivendo um sonho encantado ou uma dama vivendo na era de Strauss, com lindos vestidos e parasóis, valsando todos os dias. Na verdade, comparando bem os fatos, não era imaginação e sim uma grande realidade, pois em minha curta vida, eu já havia vivido o que uma pessoa normalmente teria que viver cem anos e três diferentes vidas para realizar. Às vezes, eu mesmo penso que estou no mundo pela terceira vez, vivendo a mesma pessoa em diferentes eras, pois minha vida foi, até agora, mudada três vezes, e cada mudança foi tão grande e diferente que eu mesma acho impossível uma pessoa numa existencial só ter feito e vivido tudo o que eu fiz e vi com meus próprios olhos. O mesmo corpo teria feito tudo isto? Com a mesma alma? Impossível.



PRIMEIRA PARTE
A FAMÍLIA BERNARDES



Em um lugar montanhoso, cheio de rios e cachoeiras, no sul de Minas Gerais, existe uma vila chamada Ouro Fala – nome dado pelos bandeirantes por haverem encontrado muito ouro e pedras preciosas no lugar. Ouro Fala é distrito de Alagoa, uma cidadezinha com menos de três mil habitantes. Lá há uma enorme igreja barroca de Nossa Senhora Rosário, muita rica, construída pelos portugueses em agradecimento pelas riquezas ali encontradas. Arraial era como o povo que morava nas redondezas a chamava. Em volta desta cidadezinha há grandes fazendas de gado, café, plantações enormes de tudo *que come e vende*¹: enormes criações de porcos, galinhas e aves de todas as raças. Os donos destas maravilhosas terras eram todos parentes, de um lado ou de outro: Bernardes, Pintos, Simões de Farias. Todos derivados dos dezesseis irmãos e irmãs Bernardes, quarta geração de portugueses e caboclos chegados no local no século XVI em busca de riquezas minerais. Os portugueses não ficavam muito tempo sem família, ou melhor, explicando, sem mulheres. Sendo eles uma raça sem preconceitos, num instante estavam casados com índias ou mesmo com as pretas que traziam da África para escravizar.

Das antigas famílias neste longínquo lugarejo, havia uma que era só de mulheres: a família de Dona Mariana Bernardes, a décima filha de uma turma de 17 irmãos. Casou-se aos 14 anos com Joaquim Luiz, caboclo que possuía um bom pedaço de terra de quarenta alqueires perto do Dr. Simão, cunhado de Mariana. Mariana tinha um filho todo ano, mas quase todos morriam logo. Só a mais velha e três outras estavam vivendo. Quando faltavam poucas semanas para a oitava e mais nova filha nascer, seu marido morreu. Caiu com um barranco que desmoronou na beira do rio. A enchente estava alta, com uma correnteza medonha. Seu corpo só foi encontrado três dias depois, a sete léguas de onde ele havia caído. Mariana tingiu as roupas de preto, até a da pequenina com pouco mais de um ano.

Semanas depois, nasceu Geralda. Raquítica, ninguém esperava que visse, pois Mariana no seu desgosto esqueceu que estava esperando um filho e quase parou de comer. Ela mesma só não morreu no parto porque não era hora. Parecia uma tábua com uma roupa de pano pregada. Uma caveira barbiguda. Já era magra de nascença e chorando dia e noite, nem parecia filha de índia, só pelo cabelo preto, grosso e comprido, caindo pelas costas como uma cachoeira negra. Às vezes ela trançava, às vezes fazia um coque, mas o que ficava mais era solto mesmo. Não tinha tempo pra pentear. Quatro filhas pra

1 “De tudo que come e vende” é uma expressão que significa “para consumo próprio e venda”.